

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

TERRITÓRIO, COMUNIDADE, MEMÓRIA E EMOÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA (ALGUMAS PRIMEIRAS E BREVES REFLEXÕES)

Ana Cristina Martins¹

“Not only are landscapes inevitably physically shaped or altered by human cultural practices – and in that sense ‘cultural’, but they are also ‘cultural’ in the sense that the way they are conceived and understood dictates how they are managed and used”
(Smith, 2006: 78)

RESUMO

Contribuindo para a composição de discursos escritos e iconográficos de índole identitária, a arqueologia tem desempenhado um papel, por vezes, determinante no desenvolvimento de comunidades locais. Capacidade que deveria ser aprofundada por ajudar a desconstruir mitos e a recuperar memórias, favorecendo, assim, a proximidade e o entrosamento entre território, cidadão, comunidade, produção de conhecimento científico e patrimonial e desenvolvimento sustentável de diferentes populações e geografias. Trata-se, porém, de um envolvimento que exige um esforço crescente e contínuo de cidadania, mormente por parte de quem, em contexto universitário e ciente das implicações da prática de uma exigente ‘ciência cidadã’, deve incentivar o gizamento e a concretização de projetos inovadores destinados a cumprir alguns dos ‘Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030’ e a própria ‘Agenda 2030’. Propomos, por conseguinte, debater, a partir de um caso concreto da região eborense, em que medida a própria história da arqueologia, enquanto disciplina universitária, pode – e deve, no nosso entender –, concorrer para a intersecção entre arqueologia, território, comunidade, memória e desenvolvimento local, ultrapassando o mero – porém, necessário –, domínio conceptual. **Palavras-chave:** Arqueologia, Território: Comunidade, Memória e Emoção, História da Arqueologia.

ABSTRACT

Contributing to the composition of written and iconographic discourses of an identity nature, archaeology has sometimes played a determining role in the development of local communities. This capacity should be deepened by helping to deconstruct myths and recover memories, thus favouring the proximity and harmony between territory, citizen, community, production of scientific and heritage knowledge and sustainable development of different populations and geographies. However, it is an involvement that requires a growing and continuous effort of citizenship, especially by those who, in a university context and aware of the implications of the practice of a demanding ‘citizen science’, should encourage the development and implementation of innovative projects aimed at meeting some of the ‘Millennium Development Goals’ and the ‘Agenda 2030’ itself. We therefore propose to debate, based on a specific case of the Évora region, to what extent the history of archaeology itself, as a university discipline, can – and should, in our opinion – contribute to the intersection between archaeology, territory, community, memory and local development, going beyond the mere – but necessary – conceptual domain.

Keywords: Archaeology, Territory: Community, Memory and Emotion, History of Archaeology.

1. IHC – polo da Universidade de Évora | Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; acmartins@uevora.pt

1. CONTEXTO INICIAL

Is (still) history of archaeology useful?

É com esta pergunta que os organizadores do simpósio da comissão de história da arqueologia da UISPP – Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques (Roma, 10-11 de outubro, 2020) decidem suscitar a reflexão de quem nele participa². Pergunta algo inusitada, dirão muitos, sobretudo quantos se dedicam aos estudos históricos, independentemente das suas especialidades. Transposto, porém, o limiar da surpresa inicial, reconhece-se a importância desta questão ao mesmo tempo provocadora e desafiante. Um desafio apenas possível porque a história da arqueologia terá alcançado já a sua maioria. Situação que, (quase) inevitavelmente, implica a perda de uma certa inocência e a aquisição de responsabilidade acrescida perante o objeto estudado, o mundo acadêmico e a generalidade do público. Uma (certa) inocência verificada, por exemplo, com o reconhecimento da utilização da arqueologia e da própria história da arqueologia por diversos agentes e com propósitos distintos. Utilização que, em última análise, tem, de algum modo, garantido a afirmação e o desenvolvimento da própria história da arqueologia.

Por outro lado, não esqueçamos que há muito que a história da ciência ocupa o seu lugar no contexto acadêmico, como parte integrante do conhecimento de atores, espaços e projetos que concorrem para a asserção e evolução de teorias e práticas de cada disciplina científica. Evidência que tem atribuído maior lógica à existência – no caso que importa aqui realçar –, da história da arqueologia no quadro geral das disciplinas académicas, enquanto lhe tem conferido um sentido de maior comprometimento nesse mesmo âmbito e perante os diferentes públicos com os quais se relaciona.

Questões que, no conjunto, não serão de somenos relevância face à relação algo ambivalente como a história da arqueologia tem vindo a ser olhada em diferentes contextos de produção e divulgação de conhecimento arqueológico. Uma duplicidade que pode suscitar dúvidas sobre a viabilidade da história da arqueologia, nomeadamente entre arqueólogos que possam estar-lhe mais alheados, independen-

temente das razões, transcorridas que se encontram as décadas de maior fulgor historiográfico na sequência da redescoberta de arquivos, datas celebrativas, protagonistas e conexão entre arqueologia e agendas ideológicas e políticas.

Convocados, por conseguinte, a refletir em conjunto sobre o futuro desta especialidade, foram vários os contributos apresentados no encontro de Roma (*vide supra*), fruto, na sua maioria, de experiências individuais colhidas no terreno.

2. A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA E A(S) SUA(S) UTILIDADE(S): EIS A (NÃO) QUESTÃO?

Demonstrar a essencialidade de uma especialidade, qualquer que ela seja, poderá parecer algo complexo. A história da arqueologia não é exceção. Desde logo porque, à semelhança de outras histórias da ciência, o passado desta disciplina académica poderá parecer, aos menos avisados, não contribuir significativamente para o seu presente e futuro. Neste sentido, a pergunta deveria ter sido colocada de outra forma, assaz contundente: «será que a história da arqueologia tem utilidade?» ou, então, «deverá a história da arqueologia ser útil?» Mas, útil para quem e para o quê? Quem se dedica ao escrutínio dos percursos da arqueologia até aos nossos dias dirá que sim, que é útil e deverá ser útil. Sim, porque o arqueólogo e a arqueologia na atualidade são produtos cumulativos do pensamento e ação de quem os precede; sim, porque permite conhecer esse pensamento e essa ação para melhor compreender o presente; sim, porque contribui para recuperar e (re) construir memórias; sim, simplesmente porque lhes interessa, do ponto de vista da ciência fundamental, escavar arquivos e coleções em demanda de nomes, episódios e projetos descurados ou intercidos que valerá a pena revistar por razões distintas.

Outros, todavia, poderão relevar tais justificativas, considerando que a história da arqueologia pouco acrescentará a projetos concebidos e levados a efeito nos nossos dias. Para estes, importará (quase) somente localizar, identificar, analisar, interpretar, preservar e divulgar materialidades corroboradoras e/ou reveladoras de quotidianos mais ou menos longínquos.

Mas será que a história da arqueologia não poderá ir além de datas e atos comemorativos, e de contribuir para a elaboração de histórias institucionais e biografias científicas? Poderá a história da arqueologia

2. Programa consultável em <https://www.efrome.it/la-recherche/agenda-et-manifestations/actualite/is-still-history-of-archaeology-useful.html>

concorrer para a recuperação de “invisibilidades” refletidas na atualidade? Terá a história da arqueologia capacidade para aprofundar as ligações mantidas entre ciência, atores, espaços, ideologias, políticas e projetos de investigação, de modo a que fenómenos registados nos nossos dias sejam melhor entendidos? Poderá e deverá a história da arqueologia concorrer para a fixação e aumento do bem-estar das comunidades e desenvolvimento dos seus respetivos territórios?

Não só pode e tem essa capacidade, como – acrescentamos –, deve aplicá-la, sendo mais proativa na observação de vínculos entre o passado e o presente com vista a melhorar este último e perspetivar ações futuras, potenciando, também assim, um melhor entendimento de linhas prioritárias de investigação. Fazê-lo, todavia, significará comprometer e/ou reiterar socialmente a produção historiográfica. Um compromisso que aduzirá maior sentido aos estudos realizados e projetados, justificando, ainda mais, aquela que se pretenderá seja a lógica existencial desta especialidade. Situação que nos deveria instar a aprofundar, em permanência, os nossos objetivos enquanto investigadores e indivíduos inseridos numa sociedade cada vez mais complexa. Também por isso, a questão da “utilidade” da história da arqueologia deveria (talvez) ser colocada a todos os campos de estudo, em especial aos de aplicação aparentemente menos óbvia, imediata e prática. Ainda assim, poderemos perguntar em que medida um conhecimento produzido será inútil.³

Parece-nos, por conseguinte, que interrogar se a história da arqueologia é útil significará questionar a relação íntima e natural entre epistemologia, trabalho prático e competências académicas de qualquer exercício científico. Por outro lado, demandar se a história da arqueologia ainda é útil parece sugerir que o foi e corre o risco de deixar de o ser. Mas, se assim fosse, quais as razões subjacentes a essa circunstância?

Se observarmos os anos mais recentes da história da historiografia da arqueologia, talvez obtenhamos uma pista sobre este quesito. Com efeito, haverá alguns indícios que apontam para um certo esmorecimento generalizado do mundo académico com rela-

3. Tratar-se-á, ainda assim, de uma questão interessante por nos relembrar, de algum modo, a *Querela* entre *Antigos e Modernos* dos séculos XVII e XVIII, e a discussão sobrevida em meados de Novecentos sobre ciência “fundamental”/“pura”/“básica” vs. ciência “prática”, ainda no rescaldo da II Guerra Mundial.

ção à história da arqueologia, especialmente entre a maioria dos jovens estudantes, tanto em Portugal, como noutros países.

O que justificará este afastamento? A ausência de futuro exclusivo na área? O intenso trabalho diário enquanto arqueólogos de campo e de gabinete que inviabiliza um olhar mais atento sobre questões historiográficas? A autonomização universitária da arqueologia em relação à história? Ou será, antes, o facto de não divisarem, por completo, o papel da história da arqueologia na execução de projetos de investigação que suscite uma maior aproximação entre ciência, território e comunidades, num exercício de ‘ciência cidadã’ incentivada por agências nacionais e internacionais de financiamento científico? Para os historiadores, designadamente da arqueologia, a importância do estudo do passado é uma não dúvida. Mas, como demonstrar aos não historiadores, aos não cultores das humanidades e das sociabilidades, a importância, na atualidade, da investigação do pretérito? Mais do que isso, como explicar aos diferentes públicos a relevância desse mesmo passado?

A solução parece residir na ligação entre produção de conhecimento científico, comunidades locais e seus territórios. Nada, porém, que seja propriamente uma novidade para os arqueólogos, para mencionarmos apenas a disciplina que aqui nos traz, pois nunca houve, nem podia haver, arqueologia (totalmente) descontextualizada do território e das suas comunidades. Trata-se de uma ligação presente no passado, como se conclui relendo histórias da arqueologia sob alguns regimes políticos e agendas pessoais, coletivas, públicas ou privadas (Díaz-Andreu, 2007).

Não obstante, mesmo que de modo pouco ou nada ciente, este vínculo tem sido hierárquico e alógeno. Organizam-se, é certo, dias abertos, visitas, palestras, conferências e exposições que suscitam a curiosidade e o interesse das gentes locais. Muito pouco, porém, parece envolver diretamente as comunidades e os territórios desde o primeiro momento, ou seja, desde que pré-germina a ideia conducente à investigação no terreno. Não obstante, temos assistido em Portugal, nos últimos anos, a projetos revestidos desta preocupação e que assumem um caráter exemplar⁴. Projetos que predizem

4. Exemplos: ‘RIBACUDANA – associação de fronteira para o desenvolvimento comunitário’ e ‘Vila Nova de São Pedro – VNSP 3000’.

um futuro próximo bastante promissor neste âmbito. Um futuro que desejamos venha a ser preenchido com programas de “ciência cidadã” apreendidos na sua essência e não em resultado de critérios de avaliação fixados por organismos responsáveis pelo de financiamento científico.

Independentemente destas breves considerações, pensamos que os projetos nas áreas das ciências humanas e sociais podem correr o risco de serem entendidos como prescindíveis ao não incluírem a componente societal.

Além das suas reais motivações, poder-se-á afirmar que parte significativa dos jovens estudantes e académicos procuram, cada vez mais, uma ligação profunda e consistente entre arqueologia e sociedade, entre conhecimento arqueológico e desenvolvimento social sustentável.

Dito isto, talvez seja o momento de questionar em que medida esta procura decorre de uma necessidade e de uma ética intrínsecas e não de uma tendência observada em temas de investigação que têm vindo a ser maioritariamente financiados. Com efeito, ainda que não reconhecida pela totalidade dos intervenientes, parece existir uma certa (se não total) distorção neste processo que tem instado à inclusão (por vezes) forçada de propósitos sociais nas candidaturas, considerando, por exemplo, os “Objetivos de Desenvolvimento do Milénio” (ODM) definidos pela Organização das Nações Unidas.

Mas, por mais vicioso que pareça, têm sido alcançados alguns desideratos traçados por projetos colocados a concurso. Desde logo, ao reconhecer-se o papel de instituições, como associações, academias, universidades e museus, no desenvolvimento da arqueologia. Depois e sobretudo, ao convocar populações locais a esses mesmos projetos para que possam acrescentar, quantas vezes de forma entusiástica, dados fundamentais à concretização dos mesmos. Uma concretização que acaba por fazer aumentar a própria autoestima das comunidades assim envolvidas (Babo, Guerra e Quintela, 2007; Carvalho, 2017). Será este o caso de projetos que lançam mão da recolha de memórias orais, à luz das quais se conhecem pormenores necessários a um melhor entendimento de processos de investigação transatos e de toda uma série de dinâmicas interpessoais e interinstitucionais que lhes eram inerentes. Projetos que, sendo inclusivos, promovem a investigação histórica multidisciplinar local e regional. Projetos que visam a compreensão e a divulgação da importância da

arqueologia no desenvolvimento sustentável local através da organização de museus de sítio, de exposições temporárias, de *merchandising* próprio, da recuperação e novos estudos de sítios, indivíduos e instituições. Projetos que motivam e permitem cruzar e relacionar municípios em busca de uma história comum traduzida em encontros científicos, exposições, visitas, atividades escolares e de outra natureza. Projetos que, sendo de história da arqueologia ou que a incluem, podem e devem concorrer para a materialização de alguns ODM, a exemplo do destinado a “promover a igualdade entre os sexos e capacitar as mulheres”.

Neste sentido, a história da arqueologia permite descobrir nomes e obras esquecidas; publicar ou republicar obras; recuperar e reanalisar projetos, mormente de contexto museológico. Além disso, a história da arqueologia pode e deve contextualizar e esclarecer o momento e o modo como, por exemplo, as mulheres foram ingressando na arqueologia, escrutinando papéis desempenhados, realizações, obstáculos e frustrações. Uma análise aplicável a outros atores da arqueologia que, por razões certamente muito diferentes, foram mantidos na sombra até se tornarem invisíveis.

Entretanto, a já decenária ‘arqueologia pública’ tem conquistado terreno apreciável neste século XXI, nomeadamente pelo muito que carrega na revelação de excertos importantes do passado que foram sendo olvidados ou truncados por motivos vários⁵. Em simultâneo, a arqueologia pública tem abarcado conceitos aparentemente tão díspares e ao mesmo tempo complementares, quanto os de arqueologia comunitária⁶ e colaborativa (Tully, 2007); feminista e de género⁷ (Díaz-Andreu e Sorensen, 1998; Martins, 2016); pós-colonial; indígena; etnográfica; estudos patrimoniais. Em suma, estaremos perante uma arqueologia que, tendo sido (quase) sempre pública, assume agora um crescente perfil ativista na medida em que o arqueólogo se encontra mais cien-

5. Importância plasmada, por exemplo, na revista quadrimestral *Public Archaeology*, editada pelo arqueólogo inglês Tim Schadia-Hall desde 2000 e publicada pela *Maney Publishing*.

6. Relevância traduzida no *Journal of Community Archaeology & Heritage*, publicado pela *Taylor & Francis*.

7. No âmbito das quais têm sido acrescentados temas como os do assédio e da violência sexual em contexto de ensino e de produção de conhecimento arqueológico.

te do seu papel na sociedade, contribuindo para dar voz a quem não a tem, a perdeu ou não a recuperou⁸. Assim se franqueia, em definitivo, a era da arqueologia prática ao serem criados projetos de investigação com a participação de comunidades, com as suas emoções e os seus afetos, e com os quais também se modelam identidades e narrativas (escritas e iconográficas) (Peralta e Anico, 1006; Alatalo, 2015; Bodicce, 2018). Aspetos que têm sido atendidos pela história da arqueologia e que deveriam ser mais considerados, especialmente para conceber atividades fomentadoras da proximidade entre território, cidadãos, comunidades, produção científica e desenvolvimento sustentável. Porque as realidades de âmbito local, regional, nacional e transnacional são diversas, as necessidades múltiplas e as possibilidades emergem, quantas vezes, da sua intersecção, numa sociedade em permanente mutação.

3. ÉVORA E O SEU TEMPO ROMANO. O TEMPLO ROMANO DE ÉVORA

Mas, e quanto à arqueologia, em concreto, em Évora ou na região eborense?

O templo romano é, sem dúvida, um dos elementos centrais da imagem de Évora, tal como outros monumentos são apresentados como representações de demais localidades, regiões ou países. Assim sucede, como se um território e as suas comunidades sejam identificados/identificáveis por uma imagem, neste caso monumental. Como se um monumento contenha em si todas as variabilidades de um mesmo território e suas gentes. Trata-se, porém, de um método, de um recurso e de uma estratégia que não é de hoje nem de agora: o de associar território, comu-

nidades e cultura material, conferindo-lhes a coesão essencial à construção e manutenção de unidade ou da ideia de unidade, mormente nacional.

Estamos, também por isto, perante uma imagem (= templo romano) que tem sido construída ao longo dos tempos, sobretudo desde a eclosão do turismo cultural no país e inerente composição de itinerários de visitas enquadrados por uma imagética e um modo de estar romântico. Uma imagem enraizada entre meados de Oitocentos, com a aplicação da teoria do restauro estilístico violletiano à sua estrutura, e inícios de Novecentos, ao ser incluído no segundo decreto de classificação de monumentos nacionais, datado de 1907 (Martins, 2005). Antes, porém, já o templo é referido em exemplares – principalmente espanhóis –, de literatura de viagem, assim como em artigos de periódicos, enquanto é objeto de registo fotográfico (Martins, 2003; Rodrigues, 2007). O fato de ser o único exemplar desta tipologia arquitetónica clássica existente numa cidade portuguesa, a relativa curta distância da fronteira espanhola, suscita desde cedo a curiosidade e o interesse de intelectuais locais e de forasteiros ilustrados, sejam eles portugueses ou estrangeiros (Salas Álvarez, 2019). Um testemunho do poder da Roma imperial que distingue a urbe eborense das demais existentes no território, enquanto revela a sua importância neste contexto clássico. Mais do que isso, demonstra a presença continuada de comunidade(s) na sua geografia acolhedora de arquiteturas e gramáticas decorativas representativas de vários contextos históricos que a têm marcado ao longo dos tempos.

A centralidade, por um lado, do templo na malha urbana, e a perda da sua função primeva, por outro, ditam-lhe outras sortes, como sucede um pouco por toda a Europa anteriormente ocupada pela águia imperial romana. Assim se compreende que seja aproveitado, por exemplo, como açougue, o último destino que lhe é conhecido. Nada que nos deva surpreender, nomeadamente quando a história do património se encontra preenchida de testemunhos similares de ocupações e reocupações; adaptações e readaptações dos mesmos espaços a novas funcionalidades. Fenómeno que, na verdade, se perde na noite dos tempos e sobrevive até aos nossos dias.

Enquanto isto, o templo romano de Évora surge como (quase) sinónimo da cidade e sua história, assim como da própria região eborense. Torna-se uma verdadeira imagem de marca da urbe e seu entorno, encontrando-se em capas de edições que lhes

8. Casos, em Portugal, dos projetos ‘Trabalhadores forçados portugueses no III Reich, 1939-1945. Memória, responsabilidade, futuro’; a recolha de memórias, sobretudo orais, promovida pelo Museu Nacional da Resistência e da Liberdade; a realização, em Lisboa, do ‘1.º Encontro Memória para Todos. História, Memória e Comunidade(s)’ onde foram apresentados resultados preliminares dos projetos arqueológicos ‘Adegas da Memória’ e ‘Arquivos de Memória’, este último pertencente ao Parque e Museu do Côa. Exemplos que advêm, em certa medida, de uma linha de investigação que tem preponderado além-fronteiras, mormente com o incentivo da UNESCO (por exemplo, no combate ao antissemitismo), inclusive para resgate de memórias relacionadas, direta e indiretamente, com a II Guerra Mundial, resultando em encontros científicos, exposições temporárias e edições monográficas.

são dedicadas. Neste contexto, o templo romano poderá ser entendido como elemento “falante” ao significar a cidade de Évora. Um signo significativo que acaba por ser de tal forma apropriado no seu significado trans-memorial e trans-contextual (Serrão 2001 e 2008) que surge em quase todos os suportes: postais, selos, medalhas, emblemática (heráldica, vexilologia, ex-librística), cartazes da mais variada natureza e objetivos, incluindo culturais e desportivos, e capas editoriais, mormente turísticas. Mas o templo é fruído também de outro modo, a saber, como cenário de espetáculos.

São, no entanto, utilizações que nos dizem ainda muito pouco acerca do sentir e da relação entre templo, território e comunidade(s). Pelo menos, da maior parte de comunidade(s) residentes ao longo do tempo na cidade e na geografia imediatamente envolvente. Até porque os suportes acima enunciados contendo a imagem do templo, sendo visíveis e circulando, são desfrutados por um estrato reduzido de gente mais esclarecida. Mas quando o templo serve de pano de fundo a campanhas publicitárias e eleitorais; quando é associado a espaços comerciais e, sobretudo, quando é elemento recorrente em diversas tipologias de peças comercializáveis (= *merchandising*), então estaremos perante a interiorização mais generalizada da sua importância. Mas será um reconhecimento do templo enquanto parte intrínseca do território e suas gentes ou do seu valor turístico, porquanto distintivo, e, por conseguinte, comercial, donde económico?

De que modo as comunidades locais entendem e interpretam o templo romano? O que conhecem dele? Sentem-no como seu? Fruem-no quotidianamente? Em que circunstâncias? De que modo? Com que propósito(s)? O templo será verdadeiramente central na vida eborense e dos eborenses? De que forma? Encontrar-se-á nos momentos-chave das suas vidas ou são outros espaços e monumentos a ocupar preferentemente essas memórias e a fixá-las como se de mnemónicas se tratassem? Tem o monumento suscitado maior empenho local em (re) descobrir a herança clássica do território, aumentando a procura de conhecimentos na área? Serão os estudos realizados no templo e sobre o templo do conhecimento geral das comunidades? Estará ele contemplado em atividades de diferentes níveis de ensino e de formação ao longo da vida? Será ele inserido em ações destinadas a diversas faixas etárias e pertenças sociais? Existirá entendimento local

quanto à sua importância no desenvolvimento sustentável da cidade e da região? As comunidades locais promovem a sua salvaguarda? Terá ele o mesmo significado para todas as comunidades deste mesmo território? Identificam-se com o monumento?

Trata-se de um amplo conjunto de interrogações necessárias para compreendermos a dinâmica estabelecida ao longo dos tempos entre templo, território e comunidades locais e regionais, num primeiro plano, e nacionais e internacionais, num segundo. Uma análise que nos remete para outras dimensões historiográficas a serem contempladas pela história da arqueologia que tem, pode e deve ter aqui um papel nuclear, firmando pontes e (re)construindo aços dinâmicos entre o passado e o presente, sempre numa perspectiva de futuro.

O papel da memória e o das emoções configuram algumas destas dimensões. Sobretudo o desempenhado pelas emoções. Emoções que, por dependerem de normas sociais vigentes em cada momento, são historicamente variáveis e mutáveis nos seus mais variados contextos. Por isso, também, as emoções e as suas expressões configuram construções históricas ao mesmo tempo que moldam a própria história. Mas porque são aparentemente menos visíveis, há que procurá-las, identificá-las e compreendê-las, nomeadamente do ponto de vista da história da arqueologia.

Propomos, por conseguinte, construir um projeto que nos permita conhecer o monumento no seu território e na interação com as comunidades. Um projeto que possibilite avaliar a perceção que as comunidades vão estabelecendo sobre o monumento e o valor simbólico que carrega, desde uma perspectiva cultural, antropológica e sociológica. Análise que deverá ser focada no período que decorre entre finais de Setecentos e a atualidade, considerando as fontes primárias e secundárias disponíveis que acreditamos serem suficientes para mapear memórias e emoções. Será este mapeamento, esta paisagem e geografia de afetos, a revelar o modo diferenciado como o monumento tem sido observado, interpretado, acolhido, vivenciado, fixado, reproduzido e divulgado. Por outras palavras, as fontes – incluindo as orais –, demonstrarão a variabilidade de perceção do templo de acordo com as pertenças sociais, económicas, culturais e científicas de cada elemento ativo, individual e coletivo, público e privado, deste processo de trans-memória e trans-contextualidade verificável ao nível da micro-história e da cripto-

-história deste monumento (Serrão 2001 e 2008). Para alcançar tal desiderato haverá, também, que produzir questionários e realizar entrevistas. Tarefas a serem executadas por uma equipa multidisciplinar e, desejavelmente, transfronteiriça, que analisará os resultados assim obtidos. Mais do que isso, será necessário agregar representantes de instituições relacionadas, direta e indiretamente, com as vivências produzidas sobre o monumento e a propósito do monumento. Somente assim obteremos uma imagem alargada da relação gerada entre comunidades, território e templo romano. Somente assim se compreenderá como as comunidades se integram nos seus processos de estudo, preservação e divulgação, e a ligação emocional e intelectual que com ele estabelecem (Smith, 2006). Fenómeno que queremos estender para lá das fronteiras eborenses, alentejanas e portuguesas, aferindo utilizações, memórias e emoções registadas por estrangeiros, mormente espanhóis, sobre o monumento, enquanto procuraremos cotejar este conjunto de sentires com outros produzidos aquando da observação de testemunhos congêneres, como o de Mérida.

Mais do que isto, pretendemos saber em que medida, a partir desta análise, existe uma ‘comunidade patrimonial’⁹ em Évora, para lá, evidentemente, do contributo fundamental e sempre presente de instituições como a do já centenário Grupo Pro-Évora (1919). Em caso afirmativo, aspiramos capturar o papel deste monumento em estratégias formais e informais de intercâmbio, mormente, educativo, cultural e científico; de socialização do património e do património enquanto ativo socializador e socializante; inclusão social; regeneração urbana; coesão comunitária; educação patrimonial e para o património; no estabelecer de pontes entre diferentes agentes culturais e científicos eborenses, locais e não locais, permanentes ou temporários; de relação entre monumento e turismo cultural (Gill, 2007); no desenvolvimento económico do território; na afirmação de (i)lógicas identitárias; de (re)afirmações ideológicas e políticas (Torrico, 2006).

Uma ‘comunidade patrimonial’ que deve ser incluída e entrosada no processo de identificação, inter-

pretação, salvaguarda e valorização do monumento. Porque são as pessoas que fazem os lugares, neste caso o monumento, porque a elas se devem as memórias, as vivências e as emoções que o mesmo tem potenciado ao longo dos tempos. Reminiscências experienciadas de modo diverso, tanto individual quanto coletivamente, dependendo das histórias de vida de cada protagonista deste complexo e (quase) interminável processo.

Também aqui a história da arqueologia pode e deve dar o seu contributo, ampliando e aprofundando excertos de um percurso enriquecido pelos variados contextos históricos que tem atravessado. Porque são esses pedaços de uma história única que humanizam o monumento, o integram no intrincado xadrez emotivo de quem com ele convive, dele vive e através dele perpetua memórias intergeracionais.

4. ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Por conseguinte, à pergunta inicial *Is (still) history of archaeology useful?*, respondemos “evidente que é (ainda) útil!”.

A história da arqueologia é útil quando trata da história das instituições, investigadores, cidadãos, territórios e agendas, direta e indiretamente ligados à arqueologia, aos seus métodos, teorias e práticas. A história da arqueologia é útil quando estuda antigas escavações e coleções – incluindo de museus –, para reavaliar resultados e conclusões à luz de conhecimentos, necessidades e objetivos atuais. A história da arqueologia é útil quando envolve diferentes especialistas para identificar estudos, reexaminar, recontextualizar, e divulgar, por exemplo, restos mortais humanos e testemunhos de cultura material recolhidos em antigas colónias. A história da arqueologia é útil quando contempla registos de memória oral nas suas investigações para localizar e compreender melhor locais e artefactos decorrentes de episódios contemporâneos englobados nos conceitos de “Arqueologia de Conflito”, “Arqueologia Pós-conflito” e “Dark Heritage”. A história da arqueologia é útil quando responde de forma inclusiva a premências e anseios quotidianos de investigadores e comunidades locais. Ela é ainda útil quando revela indivíduos, instituições, teorias, métodos e práticas, sucessos e fracassos, promoções e omissões.

A história da arqueologia continuará a ser útil enquanto revelar e valorizar o património local – material e imaterial; móvel e imóvel –, essencial à au-

9. Definida pela Convenção de Faro do Conselho da Europa (2005) enquanto “composta por pessoas que valorizam determinados aspetos do património cultural que desejam, através da iniciativa pública, manter e transmitir às gerações futuras.”.

toestima de comunidades inseridas em territórios específicos, contribuindo, também assim, para o desenvolvimento do turismo cultural e arqueológico de diferentes localidades e regiões.

A história da arqueologia continuará a ser útil enquanto houver quem pretenda tornar-se historiador da arqueologia e nela entrevir potencial para gizar projetos de arqueologia, mais do que pública, comunitária, destinados a cumprir, colaborativamente, alguns dos ODM, reforçando a relação entre ‘arqueologia prática’, teoria arqueológica, gestão patrimonial e aquelas que serão as preocupações realçadas em cada contexto por distintos representantes civis, governamentais e comunitários. Nunca, porém, esquecendo que à academia caberá parte substantiva da teorização dos assuntos analisados.

Lisboa, Primavera-Verão de 2020

AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos são devidos à Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), à qual dedico já 25 anos do meu percurso científico. Depois, à equipa que tem organizado os congressos da AAP. Por fim, mas não menos importante, aos responsáveis por esta edição num contexto pandémico que marcará para sempre as nossas vidas e a existência da própria AAP.

BIBLIOGRAFIA

ALATALO, Malla (2015) – *Reading Pictures, Constructing Narratives – A Study upon Pictorial Narrativity and a Narrative Analysis of Work Photography*. Pro Gradu Thesis. University of Lapland, Faculty of Art, and Design. 82 pp.

BABO, Elisa, GUERRA, Paula e QUINTELA, Pedro (2007) – Estruturas museológicas, desenvolvimento, envolvimento e participação local: uma aproximação a alguns casos portugueses. In *Atas das IX Jornadas do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora – Transpondo Fronteiras*, 15 pp. [https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=75086].

BELTRÁN, José, FABIÃO, Carlos e MORA, Bartolomé, eds. (2019) – *La Historia de la Arqueología Hispano-Portuguesa a Debate*. SPAL Monografías Arqueología, XXX. Universidade de Sevilha, Universidade de Málaga, UNIARQ / Universidade de Lisboa.

BODICCE, Rob (2018) – *The history of emotions*. Manchester: Manchester University Press.

CARVALHO, Diana Alexandra Simões (2017) – *Ensaio sobre a relação entre as comunidades locais e o seu património*

cultural – a comunidade de Castro Laboreiro como estudo de caso. [disponível em http://www.cta.ipt.pt/download/OIPDownload/ideario_JULHO_2.pdf]

DIAZ-ANDREU, Margarita (2007) – *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Oxford: Oxford University Press.

DIAZ-ANDREU, Margarita and SØRENSEN, Marie-Louise S., eds. (1998) – *Excavating Women: A History of Women in European Archaeology*. London: Routledge.

GILL, Alison (2007) – *Turismo, Comunidades e Gestão de Crescimento*. In *Compêndio de Turismo*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 631-646.

MARTINS, Ana Cristina (2016) – Pioneiras da Arqueologia em Portugal: “another brick” against “the wall” of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003). *Clepsydra. Revista de Estudos del Género y Teoría Feminista*, 15, pp. 77-100.

MARTINS, Ana Cristina (2005) – *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação (1863-1963)*. [texto policopiado]. Tese de doutoramento em História apresentado à Universidade de Lisboa.

MARTINS, Ana Cristina (2003) – *Possidónio da Silva (1806-1896) e o resgate da memória. Um percurso na arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

PERALTA, Elsa e ANICO, Marta (2006) – *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.

RODRIGUES, Paulo S. (2007) – O passado é uma cidade ideal: um olhar sobre a património de Évora, *Revista de História da Arte*, 4, pp. 270-296.

SALAS ÁLVAREZ, Jesús de la A. (2019) – El interés de la Ilustración española por las antigüidades portuguesas. El caso de Évora. In BELTRÁN, José, FABIÃO, Carlos e MORA, Bartolomé, eds. – *La Historia de la Arqueología Hispano-Portuguesa a Debate*. SPAL Monografías Arqueología, XXX. Universidade de Sevilha, Universidade de Málaga, UNIARQ / Universidade de Lisboa, pp. 27-56.

SERRÃO, Vítor (2001) – *A cripto-história de Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

SERRÃO, Vítor (2008) – *A trans-memória das imagens. Estudos iconológicos de pintura portuguesa (sécs. XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos.

SMITH, Laurajane (2006) – *Heritage as a Cultural Process. In Uses of heritage*. London: Routledge.

TORRICO, Juan Agudo (2006) – Patrimónios e discursos identitários. In *Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, pp. 21-34.

TULLY, Gemma (2007) – Community archaeology: general methods and standards of practice. *Public Archaeology*, 6: 3, pp. 155-187.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

